

# THE INDUSTRIAL HERITAGE OF CAXIAS, MARANHÃO: History stage

O PATRIMÔNIO INDUSTRIAL DE CAXIAS, MARANHÃO: Palco da História

EL PATRIMONIO INDUSTRIAL DE CAXIAS, MARANHÃO: Palco da História.

Kaio de Sousa David<sup>1</sup>

Pedro Henrique Tajra Hidd Pearce Brito<sup>2</sup>

Maria Bertolina Costa<sup>3</sup>

Eziquio Barros Neto<sup>4</sup>

Cláudio Valentim Rocha Leal<sup>5</sup>

Rayana Patrícia da Costa Cunha<sup>6</sup>

## DESCRIPTORS

Material Heritage;  
Memory;  
Preservation.

## DESCRIPTORES

Patrimônio  
Material;  
Memória;  
Preservação.

## DESCRIPTORES

Patrimonio  
Material; Memoria;  
Preservación.

## ABSTRACT:

This article aims to discuss the historical-social context, in which Caxias society since its origin as the camp until it was elevated to the category of city. The studies that contributed to this article reveal the prosperity that Caxias witnessed from the height of the 1850s to the 1950s, when numerous architectural projects financed by the elite were built, from factories to large residential houses. Over the years, countless buildings no longer exist, as the owners manage to use the land and build something more modern and that fits the new concept of the city. We perceive the sociocultural dynamics that exist in the formation of the city's social identity and the relationship between public power and civil society with the safeguarding and dissemination of memory and historical and cultural heritage. To do so, we used several theoretical references in order to understand memory, its epistemology and its importance in the social and citizen formation of the city, in the search for information that explains the difficulty of society in understanding and identifying itself as part of the memory belonging to the rich heritage present in the city, as well as preserving it for future generations to be aware of the historical importance that Caxias had and still has in the local and national scenario.

## RESUMO:

Este artigo objetiva discutir o contexto histórico-social, no qual a sociedade caxiense desde sua origem como do arraial até ser elevada à categoria de cidade. Os estudos que deram aporte para este artigo revelam a prosperidade que Caxias presenciou no auge dos anos 1850 até 1950, quando inúmeros projetos arquitetônicos financiados pela elite foram construídos, desde fábricas a casarões residenciais. Ao longo dos anos inúmeros prédios deixaram de existir, uma vez que os proprietários logram utilizar do terreno e construir algo mais moderno e que se adequa ao novo conceito de cidade. Percebemos a dinâmica sociocultural existente na formação da identidade social da cidade e a relação do poder público e da sociedade civil com a salvaguarda e a difusão da memória e do patrimônio histórico e cultural. Para tanto, utilizamos diversas referências teóricas com o intuito de compreender a memória, sua epistemologia e sua importância na formação social e cidadã da cidade, na busca de informações que expliquem a dificuldade da sociedade em compreender e identificar-se como parte da memória pertencente ao rico patrimônio presente na cidade, bem como preservá-lo para as gerações futuras terem ciência da importância histórica que Caxias teve e tem no cenário local e nacional.

## RESUMEN:

Este artículo tiene como objetivo discutir el contexto histórico-social, en el que la sociedad de Caxias desde su origen como campamento hasta que fue elevada a la categoría de ciudad. Los estudios que contribuyeron a este artículo revelan la prosperidad que vivió Caxias desde la década de 1850 hasta la década de 1950, cuando se construyeron numerosos proyectos arquitectónicos financiados por la élite, desde fábricas hasta grandes casas residenciales. Con el paso de los años, innumerables edificios ya no existen, ya que los propietarios logran usar el terreno y construir algo más moderno y que se ajuste al nuevo concepto de ciudad. Percibimos las dinámicas socioculturales que existen en la formación de la identidad social de la ciudad y la relación del poder público y la sociedad civil con la salvaguarda y difusión de la memoria y el patrimonio histórico y cultural. Para ello, utilizamos varios referentes teóricos con el fin de comprender la memoria, su epistemología y su importancia en la formación social y ciudadana de la ciudad, en la búsqueda de información que explique la dificultad de la sociedad para entenderse e identificarse como parte del memoria perteneciente al rico patrimonio presente en la ciudad, así como preservarlo para que las futuras generaciones tomen conciencia de la importancia histórica que tuvo y tiene Caxias en el escenario local y nacional.

<sup>1</sup> Discente do Curso de Arquitetura e Urbanismo. Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão - UniFacema. Caxias, Maranhão - Brasil.

<sup>2</sup>Arquiteto e Urbanista. Licenciado em História. Docente do Curso de Arquitetura e Urbanismo. Mestre em Arquitetura e Urbanismo - UFBA. Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão - UniFacema. Caxias, Maranhão - Brasil.

<sup>3</sup>Licenciada em História. Docente do Curso de Arquitetura e Urbanismo. Mestre em Políticas Públicas - UFPI. Doutora em História - UC. Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão - UniFacema. Caxias, Maranhão - Brasil.

<sup>4</sup>Arquiteto e Urbanista. Docente do Curso de Arquitetura e Urbanismo. Especialista em Preservação e Restauro do Patrimônio Histórico Edificado - UNIP. Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão - UniFacema. Caxias, Maranhão - Brasil.

<sup>5</sup>Arquiteto e Urbanista. Docente do Curso de Arquitetura e Urbanismo. Mestre em Arquitetura e Urbanismo - UFU. Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão - UniFacema. Caxias, Maranhão - Brasil.

<sup>6</sup>Arquiteta e Urbanista. Docente do Curso de Arquitetura e Urbanismo. Mestre em Geografia - UFPI. Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão - UniFacema. Caxias, Maranhão - Brasil.

## 1. INTRODUÇÃO/CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“Os lugares de memória são, antes de tudo resto. Forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora.” (NORA, Pierre, p. 12, 1993)

Os discursos atuais acerca da preservação, restauração e revitalização urbana são tensionados pelas antinomias espaço-temporais da modernidade, ou, dito de outro modo, nenhuma cidade atualmente pode almejar construir um significado próprio por meio de seu patrimônio urbano sem considerar a força globalizadora que influencia e altera o curso da história local e global. Tal processo orienta, inegavelmente, as práticas sociais sobre um determinado espaço e desvela os bastidores do jogo do poder no campo da disputa econômica, política, cultural e simbólica que permeia a preservação do patrimônio. Podemos dizer que a memória marca a permanência das tradições e costumes de um determinado grupo social. A lembrança proporcionada pela memória permite aos sujeitos reencontrarem as imagens de seu passado, prolongando o passado no presente. Quando esta memória se enfraquece, quando desaparece o grupo que lhe deu suporte, entra em cena a história, sendo então necessário institucionalizá-la (daí os “lugares de memória”, de Pierre Nora). Por sua vez, a história procura construir uma memória total (da nação, por exemplo), ao passo que a memória é sempre plural e parcial. Enquanto a memória busca identidades, durações e origens, a história sempre se ocupa do novo, da ruptura e da descontinuidade, dessacralizando o passado. Como articular, criticamente, essas duas dimensões para o estudo da história e da

memória das cidades?

A reflexão proposta tem com referências diversas fontes tais com livros, artigos, dissertações, monografias, entre outros, a fim aprofundar o estudo do contexto histórico da cidade de Caxias e visa identificar a relação que a sociedade desenvolve com sua história através das edificações e, também analisar a memória histórica dos cidadãos. É válido ressaltar a dicotomia entre preservação e progresso, que define o pensamento da sociedade, pois aparentemente não é possível conciliar a dinâmica das cidades com a preservação do patrimônio, o que não é verdade. Nosso objetivo principal é perceber as manifestações das memórias coletivas, constituídas em torno de recortes do passado, sobre a conformação do atual patrimônio histórico, cultural e arquitetônico da cidade de Caxias, para além de trazer uma reflexão sobre a importância da preservação do Patrimônio Histórico cultural material, ressaltando a importância da preservação da memória e identidade histórica da cidade de Caxias. A partir dessas reflexões, identificaremos os impactos causados nas edificações da área central da cidade, com a expansão do comércio a partir da década de 1950, a fim de entendermos os danos ocasionados no patrimônio através das adaptações sofridas nas edificações ao longo desse período acompanhado pelo progresso econômico, crescimento gradual da cidade e a sua modernização.

O sentimento de memória coletiva não se faz presente ao passo que existe na população brasileira de modo geral o processo de desvinculação do patrimônio cultural que é bastante danoso no cenário inerente à história regional. Assim, a visão distorcida por parte da sociedade da conservação dos prédios, que estão intimamente associados a um tempo, pessoas e

tradições completamente distintas, é sinônimo de atraso e regresso. A cultura de preservação do patrimônio cultural ainda não é consolidada no Brasil. Para auxiliar nesse processo, é importante valorizar e proteger os bens culturais, e o primeiro passo nesse sentido é o de sensibilização da sociedade detentora desse patrimônio, por meio de ações relacionadas à educação patrimonial, proporcionando ao cidadão um melhor entendimento do universo do patrimônio cultural e as raízes do valor na sociedade, de sua herança cultural. Também é muito importante a identificação desse patrimônio para o seu registro e proteção legal, por meio do tombamento.

Evidente, portanto, que a sociedade civil não está educada acerca do peso e o impacto na sociedade dos eventos históricos que tiveram palcos os prédios presentes na cidade. Além de inexistir políticas públicas educacionais voltadas para os jovens que incentivem o conhecimento e a preservação da memória caxiense. Assim, esse artigo discorre sobre a história e a dinâmica da cidade em um forte contexto histórico envolto de impasses sociais e políticos que dificultam a conservação da cidade e impedem de os moradores (re) criarem laços com a autêntica paisagem urbana de Caxias.

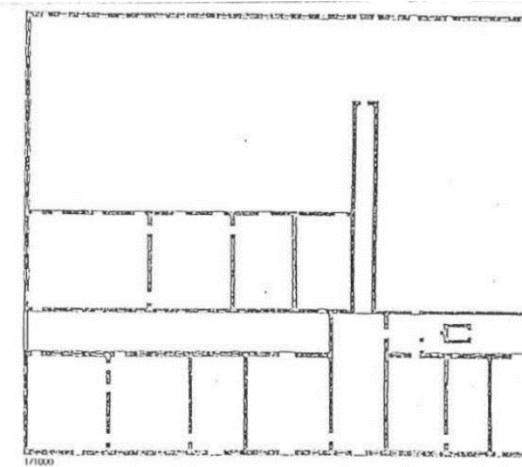
Segundo alguns historiadores com Jacques Le Goff (1990), Michael Polak (1989 e 1992), a importância da preservação do Patrimônio Histórico pode ser associado a memória coletiva e individual, pois é através da memória que nos orientamos para compreender o passado, o comportamento de determinado grupo social, cidade e nação. O avivamento da memória

também contribui para a formação da identidade e resgata raízes culturais.

Este trabalho tem como finalidade o estudo com o objetivo de compreender e correlacionar a influência da arquitetura local na história da cidade e vice-versa, bem como entender a dinâmica social existente entre as edificações e os cidadãos. A pesquisa classifica-se em descritiva, visto que é a mais próxima de acordo com a pesquisa realizada. Assim, a metodologia utilizada objetiva descrever as características da arquitetura fabril e a forma como o município de Caxias internalizou esse novo formato social. Baseado em pesquisas bibliográficas, periódicos de época.

### 3. RESULTADOS

Planta baixa fábrica Companhia União Caxiense



Fábrica de Tecidos no Centro de Caxias



Fonte: IBGE(1950)

Propaganda da fábrica têxtil União Caxiense, veiculada na revista Fon Fon em 1914



### 4. DISCUSSÃO

#### 1. O mito do patrimônio e a questão da preservação

Patrimônio. Esta palavra de origem latina tem relação com as bases econômicas e sociais estabelecidas nas cidades greco-romanas. Dito isso, Pater (chefe de família) - pode ser associada em um sentido mais amplo referindo-se aos antepassados - e nomos (grupo social). Logo, unindo as duas palavras e analisando-as em contextos genéricos chega-se a um sentido de herança cultural histórica material ou imaterial. Ao longo do tempo, como o próprio viés linguístico é mutável, a palavra patrimônio recebeu diversos adjetivos que pormenorizavam e direcionavam para campos diferentes das áreas do conhecimento.

Assim, Françoise Choay analisa o patrimônio da seguinte forma:

a palavra patrimônio [...] estava, na origem, ligada às estruturas familiares, econômicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no tempo e no espaço. Requalificada por diversos

adjetivos (genético, natural, histórico, etc.) que fizeram dela um conceito ‘nômade’, ela segue hoje uma trajetória diferente e retumbante (CHOAY, 2001, p. 11).

A construção psico-social do tempo e os conceitos muito difundidos a cerca do passado, presente e futuro fomentam a distinção entre as diferentes eras sejam no saudosimo ou decadência do passado ou no ilusório e progressista futuro. Nesse viés, Le Goff (1990:14), conclui que o ‘recente’ interesse da sociedade na valorização do passado decorre da ideologia do progresso associada ao Iluminismo do século XIX, uma vez que os avanços científicos, tecnológicos deram luz à crença no progresso. Entretanto, em meados do século XX, a desilusão com o futuro da humanidade, as atrocidades dos regimes ditatoriais, campos de concentração, destruições da segunda guerra, a invenção da bomba atômica desestabilizaram a fé no futuro e na modernidade, “a ideia de um progresso linear, contínuo, irreversível, que se desenvolve segundo um modelo em todas as sociedades, já quase não existe.” (Le Goff, 1990, p. 10).

Além disso, tendo em vista que o significado de patrimônio, floresceu do constante estado de tensão que os países passaram entre os séculos XVIII e XX a ideologia de proteção e resguardo do que conhecemos por patrimônio, sobretudo relacionados a edificação, artes e ciência difundiram-se pelo mundo, principalmente pela Europa. Desse modo, diversas convenções entre países europeus avançaram em diretrizes e protocolos sobre o ‘estado de guerra’. Entretanto, apenas em 1948, os Países Baixos propuseram à UNESCO a criação de um texto em âmbito internacional a cerca da proteção dos bens de caráter cultural em tempos de conflitos armados, e fora aprovada em 1954. Dito isso, a conferência de Haia, como

ficou conhecida, foi assinada e reconhecida pelo Brasil em 1956 pelo presidente Juscelino Kubistshek, grande idealizador e entusiasta do plano piloto de Brasília. Tais diretrizes da conferência afirmam o pacto das nações para a preservação da história mundial por meio dos bens culturais, analisando o resumo do decreto têm-se:

Reconhecendo que os bens culturais sofreram graves danos no decorrer dos últimos conflitos armados e que, em consequência do aperfeiçoamento de técnica de guerra, estão cada vez mais ameaçados de destruição;

Convencidas de que os danos causados aos bens culturais pertencentes a qualquer povo constituem um prejuízo ao patrimônio cultural de toda a humanidade, dado que cada povo traz a sua própria contribuição à cultura mundial;

Considerando que a conservação do patrimônio cultural tem uma grande importância para todos os povos do mundo, e que convém seja dispensada a esse patrimônio uma proteção internacional;

Inspirando-se nos princípios que se referem à proteção de bens culturais em caso de conflito armado, determinados nas Convenções de Haia de 1899 e de 1907 e no Pacto de Washington de 15 de abril de 1935;

Considerando que essa proteção só pode ser enciente se ela for organizada em tempo de paz, por meio de providências tanto nacionais quanto internacionais;

A ideologia de resguardar o que é patrimônio, seja material ou não teve seu ápice no período pós-guerra, como já mencionado. No entanto, existe a dubiedade que se coloca na visão opaca de razões para existir a preservação dos bens culturais, uma vez que na maioria das vezes a elite absorve para si a “ádua tarefa” de preservação por fatores aquisitivos, deixando os restantes nichos da sociedade descredibilizados, como pelos governos, por exemplo, que deveriam assumir a liderança de ações para essa

preservação e não o fazem pela ineficiência e/ou questões econômicas, isentando-os em assumir essa responsabilidade. De fato, como analisa Marilena Chauí, “os Semióforos - espécie de símbolo que passa a ser palpável mesmo não sendo físico, ou a a ideia que representa algo - religiosos são particulares a cada crença, os semióforos da riqueza são propriedade privada, mas o patrimônio histórico-geográfico e artístico é nacional.” (Marilena Chauí, 2010, p. 14)

Além disso, há diferentes entes que preservam bens culturais e por ‘n’ motivos. E pode-se concluir que analisando por um viés sociológico, atualmente um dos motivos, além da óbvia preservação, é a evocação do passado e a descrença de um futuro melhor, visto que a desilusão na modernidade em um futuro utópico, que é inalcançável, intensificou na metade século XX. A busca pela preservação incessante de toda e qualquer forma que retrate o passado de nossas sociedades que cada vez mais plural e homogêneo formam um paradigma global de cidades, onde diversos países do mundo se alinham no seguimento de diretrizes e protocolos urbanísticos, formas de lazer e cultura. É por isso um dos motivos do apego ao passado e o que diferencia ‘lugares únicos de lugares globais’ e, assim descreve a escritora brasileira Marilena Chauí “memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana para reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total. A lembrança conserva aquilo que se foi e não retornará jamais” (CHAUÍ, 2005, p. 138).

## **2. Caxias e a questão histórico-patrimonial**

Ao analisar o contexto do Patrimônio edificado e sua preservação a nível regional, a cidade de Caxias no Maranhão há cerca de 360 km de distância de São Luís, possui um

inventário de vários imóveis e logradouros públicos herdados aos Caxienses pelos colonizadores e industriais ao longo dos séculos XIX e XX que habitaram, desenvolveram e colocaram a cidade no mapa de mais influentes no passado. Como bem descreve PEREIRA,

Caxias atinge um considerável auge de desenvolvimento no final da década de 1940. No momento da abertura democrática, Caxias possuía um comércio admirável que estava em pleno desenvolvimento. O crescimento urbano e as novas construções (residências e comércios) representavam a ansiedade pela chegada do progresso. (PEREIRA, 2006, p 28)

É preciso, todavia, analisar como a Cidade de Caxias surgiu, prosperou e entrou em decadência e quais motivos levaram a cada um desses fatores, quais bens edificados tornaram-se símbolos atrelados à imagem da cidade e transmitem a paisagem urbana para os cidadãos.

Caxias, surgida graças às entradas dos bandeirantes no século XVIII e a instalação de fazendas nas regiões limítrofes ao Rio Itapecuru - importante curso d’água no estado do Maranhão -, também chamada de São José das Aldeias Altas, graças as aldeias indígenas no alto dos morros da região, foi elevada à categoria de cidade em 1836. A “Princesa do Sertão do Maranhense” termo usado por Dom Manoel Joaquim da Silveira, para designá-la como próspera cidade da província e uma das mais influentes da região e do estado cresceu graças ao comprometimento, principalmente com a agro exportação sobretudo do algodão para diversos países da Europa e que alimentava o mercado para a fabricação de tecidos. O local onde se desenvolveu a cidade servia de entreposto comercial entre alguns estados do Nordeste e a capital São Luís, onde escoava-se mercadorias de balsas pelo Rio Itapecuru através do Porto das Pedras, o Livro ‘Por ruas e becos de Caxias’ analisa vários logradouros da cidade de caráter histórico ou

não, o porto é descrito da seguinte forma:

“Ao começar a expansão urbana de Caxias, graças ao aquecimento da exportação e importação de produtos, o Itapecuru tornou-se o principal meio para evacuar mercadorias e claro, viagens de passageiros a capital São Luís e cidades ribeirinhas. Ao lado do Porto Grande, foi então formado outro ponto para embarques que ficou conhecido como Porto das Pedras, devido às formas rochosas do Riacho das Lajes até aquele porto” (NETO, E. B. 2020, pg 296).

Assim, no meio altamente interiorano e longe dos centros de destaque político e econômico, no caso da capital da Província São Luís, desenvolve-se a Caxias das Aldeias Altas através do plantio de algodão, focado na exportação graças a Companhia de Comércio do Grão-Pará - Companhia desenvolvedora regional criada por Marquês de Pombal - e da localização próxima a província do Piauí onde as atividades de compra e venda de mercadorias afloraram e diversificaram a economia local, como bem descreve Ribeiro, 1815, ressaltando o destaque de Caxias para a região e para a província:

É a vila de Caxias uma continuada feira, onde distantes os povos dos sertões confinantes trazem à venda os seus efeitos, que constam de algodões, solas, couros de veado e cabra, tabacos de fumo, gados, escravaturas da Bahia, cavalarias e tropas de machos, a que chamam burradas, levando em troca toda a qualidade de gêneros da Europa. (9 Apud ALMEIDA, A. W. B. de. A Ideologia da Decadência. São Luís: FIPES, 1982, p. 48.)

Desse modo, a então Vila de Caxias desenvolveu-se e ganhou uma elite sofisticada que gozava de bons casarões e sobrados, além de financiar gostos luxuosos de produtos variados que desciam pelo Rio Itapecuru vindos direto da Europa. O valor empregado sobre o

algodão produzido no Maranhão de modo geral, a boa localização propiciou ventos favoráveis à economia maranhense e caxiense nos idos do século XVIII e XIX e devido a isso favoreceu o desenvolvimento e “requintamento” das cidades como é o caso de Caxias, para benefício sobretudo da nata social vigente, tais requintes estavam presentes desde grandes obras como teatros para apreciação cultural até na infraestrutura básica como é o caso dos calçamentos das ruas, os louros de uma economia firmemente embasada na agricultura que completava o ciclo produtivo das grandes fábricas europeias que necessitavam de matéria prima base para seus produtos, imputou na sociedade caxiense ares de importância, afinal Caxias foi considerada no século XIX o “grande empório do sertão” (Meyreles, 2003, p.305),

É notório, portanto, o viés conservador de uma elite pautada nos afazeres de “cidade rural”, palavras antagônicas, mas que definem bem o cenário urbano ainda a passos lentos para cidade e para o Brasil. O país que desde o período colonial orgulha-se de vestir uma estampa com os dizeres ‘Celeiro do Mundo,’ e para tal dispõe de cidadãos com a mentalidade colonial, os quais não exprimem ânsia de mudar, ou seja, a alienação colonial presente na população impede de desbravar os limites do ‘Novo Mundo’ ainda pouco explorados pelos cidadãos e colonos, ao passo que a roda do progresso gira a economia Europeia. Espera, desse modo, sonolento as rédeas dessa economia agrária serem direcionadas para ventos mais modernizadores e dinâmicos, pois a oligarquia vigente detentora de poderes econômicos e políticos contrapunha-se a ideais industrialistas, visto que para a elite latifundiária “(...) a riqueza real provinha dos frutos e produtos do solo, e não de ‘artesãos ou artífices’”. (Stein, 1979:20).

Outrossim, Caxias sempre foi uma cidade que perseverou a diversos contratemplos que tardaram e/ou limitaram seu desenvolvimento, como por

exemplo, a crise do algodão graças ao mercado concorrente. O algodão Norte Americano cadenciou uma séria diminuição da exportação e em decorrência disso, da economia maranhense, mesmo que desde 1847 o decréscimo nas exportações era nítido. Além disso, a partir de 1850 a falta de mão de obra, que era sobretudo escrava, fomentou a crise e preocupação dos latifundiários tementes de perder seus bens. De fato, a elite conservadora abalada com a crise abriu a mente para novas formas de prosperar e recuperar o capital perdido com a crise, foi nesse cenário que floresceu ideologias industriais, algo que demandava grande coragem e investimento para ‘vingar’ numa região interiorana e que outrora colhia os frutos de uma economia agrária e comercial.

### **3. A interiorana Caxias, extasiada pelo maquinário industrial e a questão identitária**

De todas as formas de expressões urbanas de Caxias através do patrimônio edificado uma das mais didáticas acerca do passado ostentoso da cidade e o quão desenvolvida pra época foi, são as fábricas. Facilmente reconhecidas, as chaminés e o porte dos prédios entregam as funções, e o único exemplar restante desse importante momento na história de Caxias, a Fabrica Manufatora União Caxiense, mantém-se rígida e imponente no centro administrativo da cidade, pois “o funcionamento da indústria no centro comercial da cidade imputava ares de desenvolvimento urbano”. (SANTOS, Mariângela, p. 127, 2018). Ocupando metade de um quarteirão a elegante, porém simples construção demonstra a ânsia dos industriais caxiense em fazer história numa região tão afastada das discussões políticas e econômicas.

Nesse contexto, o arquiteto Eziquio Barros escreveu no seu blog sobre o prédio e

suas atribuições ao longo do tempo:

O local escolhido foi a Praça da Independência área central de Caxias e próximo a estação da linha férrea. Projetada pelo engenheiro maranhense Palmério Cantanhede, a monumental fábrica possui elementos arquitetônicos neoclássicos destacando-se o seu frontão. O largo em que ficava a delegacia, tribunal do júri e Câmara de Vereadores recebeu o nome desse grande industrial que muito fez por Caxias. Era nesse largo que aconteciam as primeiras partidas de futebol na cidade. Posteriormente foi urbanizada ganhando bustos de Dias Carneiro, Coelho Neto, Gonçalves Dias e Vespasiano Ramos, o que a tornou popularmente como Praça do Panteton. A fábrica encerrou suas atividades na década de 1970. O prédio ficou abandonado correndo o risco de ter município de em 1980 instalado o Centro de Cultura José Sarney. O prédio foi tombado em junho do mesmo ano pelo Decreto Estadual N° 7.660.


Portanto, são estas as fases cronológicas de um prédio localizado ao lado direito da Praça Dias Carneiro - Panteon Caxiense, localizada no Centro e longe do Distrito Industrial do Ponte, onde eram localizadas as outras fábricas. Na realidade, “uma construção fabril com fachada em estilo neoclássico, planta quadrangular, cobertura em estrutura metálica e estreita área livre, onde se localiza uma imponente chaminé que ostenta 38 m, a qual separa o setor de produção - fiação tecelagem, acabamento - das zonas de beneficiamento e apoio técnico - administrativo - escritório, oficina, sala de máquinas e caldeiras.” (Livro do Tombo, p. 365, 1980)

Foi desse modo que Caxias ganhou seu último investimento no campo da indústria têxtil, o investimento marcado por dúvidas, teve seu projeto liderado pelo engenheiro Palmério Cantanhede e que ‘inspirou-se’ em construções estrangeiras, visto que os elementos arquitetônicos em estilo neoclássico instauraram valores de sofisticação e



seriedade, o frontão marca a fachada principal e a dita 'entrada principal' da fábrica, a balaustrada no telhado - típica de construções neoclássicas - evoca ideais de ordem e elegância.

## 5. CONCLUSÃO



A percepção urbana por meio dos edifícios ainda não impacta de forma consistente a maioria dos brasileiros, mesmo sendo íntima a relação que se formou ao longo dos anos entre a questão patrimonial e a sociedade desde o século XX, no Brasil. Ademais, a origem do termo patrimonial designa herança e o com o passar dos anos ganhou conotações preservacionistas devido ao constante estado de guerra, que então o mundo vivia nos séculos passados, além dos avanços da globalização e a “padronização cultural”, um evento que alinha diversas sociedades através da redução das fronteiras geográficas e através do estreitamento dos laços sociais globais.

Nesse sentido, estudiosos com Le Goffe Michel Polack desenvolvem estudos sobre a questão preservacionista e a importância para a memória coletiva e individual, ou seja, é por meio do patrimônio e dos ‘lugares de memória’ - Pierre Nora- que buscamos vínculos com a nossa história e memória, atrelando a percepção da consciência histórica e social. O patrimônio é, antes de tudo, social e a população enxerga-se pertencente a um bairro, cidade ou país através da instauração desses signos físicos que são logradouros, prédios. Em Caxias-MA, por exemplo, a importância de uma construção foi tamanha que mudaram o nome do bairro, a refinaria ditou as mudanças sociais

da sociedade a partir da metade do século XX, muito importante para a economia da Cidade, a população enxergava que o edifício industrial pertencia tanto ao ambiente como as palmeiras de Gonçalves Dias pertencia à natureza.

Desse modo, Caxias, que evoluiu de Vila para Cidade entre os séculos XVIII e XIX, pertence a um recorte histórico importante marcado por mudanças sociais, culturais e políticas. Tendo deixado um rico acervo de construções desde fábricas, sobrados, palacetes, igrejas, teve picos econômicos que elevaram a cidade a patamares antes nunca alcançados e de forma urbanística desenvolvera-se de tal forma que era inédita para a região interiorana da província do Maranhão. Antes de tudo, é importante perceber que as transformações que a cidade passa hoje, mais fragmenta do que agrega no quesito arquitetura histórica, visto que diversos prédios foram ou estão sendo destruídos, um movimento de degradação com o patrimônio edificado.

Nesse contexto, nota-se como um lapso temporal foi importante para o desenvolvimento da história e da economia caxiense, as fábricas têxteis instalaram-se para romper paradigmas na sociedade no final do século XIX, desde questões trabalhistas, sociais e ideológicos. A única remanescente desse período - Companhia União Caxiense - hoje atribuído caráter ‘cultural’ é um imponente prédio de fachada neoclássica no centro administrativo da cidade e que perpassa a região central os ares industriais que a cidade vivenciou até meados dos anos 50. Hoje, é um importante demonstrativo de lugar histórico e talvez até lugar de memória, devido a percepção social reconhecendo como pertencente à região.

## 6. REFERÊNCIAS

ABREU. M. A. Sobre a memória das cidades. Revista da Faculdade de Letras - Geografia I série, volume XIV, Porto, 1998, pg. 77-79.

ALMEIDA, A. W. B. de. A Ideologia da Decadência. São Luís: FIPES, 1982, p. 48.

ALMEIDA, Luciene Martins. A vida dentro e fora das Fábricas têxteis em Caxias, 1997, p. 32.

CHAUI, Marilena. Brasil: Mito Fundador e Sociedade autoritária. Editoria Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2010, p 14.

CHAUI, Marilena. Natureza, cultural, patrimônio ambiental. In: LANNA, Ana Lúcia Duarte (coord.). Meio Ambiente: patrimônio cultural da USP. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo imprensa oficial do Estado de São Paulo/Comissão de Patrimônio Cultural, 2003. p. 52

CHOAY, Françoise. Alegoria do Patrimônio. Arte e Comunicação; 71. Portugal, 2001 p. 11).

LE GOFF, J. História e Memória. 20. Ed. Campinas, SP Editora Campinas da UNICAMP, 1990.

LUZ, Nícia Vilela. A luta pela industrialização no Brasil (1808-1960). São Paulo, Difel, 1975, p. 66.

MEIRELLES, Mário M. História do Maranhão. Col. Maranhão Sempre. 3ª ed. São Paulo: Siciliano, 2003, p 305.

NETO, Eziqúio Barros Por ruas e becos de Caxias: História e descrição dos logradouros públicos de sua área urbana. 1. ed. Caxias: Multgraf, 2020)

NETO, Eziqúio Barros. O vazio da Refinaria. Disponível em: <https://noca.com.br/eziqúio->

barros/coluna/432-o-vazio-da-refinaria. Acessado em: 14 de outubro de 2021

PESSOA, Jordânia Maria. ENTRE A TRADIÇÃO E A MODERNIDADE: A BELLE ÉPOQUE CAXIENSE Práticas fabris, reordenamento urbano e padrões culturais no final do século XIX. Teresina - PI, 2007, p. 44.

PEREIRA, Ana Paula Alves. As pipiras da fábrica: as mulheres operárias sob o olhar da sociedade caxiense na década de 1950. (Monografia apresentada ao Departamento de História e Geografia) Caxias, CESC, 2006.

RIBEIRO. J. S. A Princesa e o Mundo das Fábricas: a cidade moderna e a questão fabrilista em Caxias/MA (1940). (Artigo, 2019)

SANTOS, Mariângela. Fragmentos da Memória: Contribuições à História de Caxias Maranhão. São Leopoldo - UNISINOS, 2018, p. 127 e 129).

STEIN, Stanley J. Origem e Evolução da Indústria Têxtil no Brasil - 1850/1950. Rio de Janeiro, Editora Campus 1979.

(Jornal Commercio de Caxias. Caxias - MA, 10 ago., 1889, p. 01.)

jornal O Cruzeiro escrito aproximadamente entre 1942-1945

Livro do Tombo, p. 365, 1980 -decreto Estadual N° 7.660